

## **HISTÓRIA E FICÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTUDO DE *ESAÚ E JACÓ* DE MACHADO DE ASSIS**

Heliane Gomes **TAVARES**<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo centrar-se-á na importância das relações entre o contexto histórico e a literatura, tomando como objeto de estudo os capítulos 62 e 63 da obra *Esau e Jacó* do escritor Machado de Assis. Sucintamente apresentaremos uma conceituação do termo Literatura, discutiremos as relações entre realidade, ficção e *mimesis*, analisando de que modo as referidas relações estão construídas no *corpus* deste trabalho.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História; Ficção; *Mimesis*; Machado de Assis.

### **Introdução**

Visando explorar um tema que realmente coopere para reflexões intelectuais dos leitores acerca do questionamento e da tentativa de compreensão do fenômeno literário, julgamos pertinente abordar neste artigo a importância do contexto histórico explorado em determinadas obras e o modo como as questões “documentais” se inserem no processo da ficção.

Ao observarmos algumas produções que fazem uso de tal convergência, consideramos que, além de ser possível mergulhar no texto ficcional, nos inteiramos do contexto político-cultural de uma determinada sociedade, o que acrescenta consideravelmente informações ao nosso conhecimento de mundo e contribui para um entendimento maior de acontecimentos históricos, agregando à obra um universo com amplitude maior que não “apenas” o fictício poderia constituir.

Entende-se por Literatura, conforme conceituação de Afrânio Coutinho, o exposto a seguir:

<sup>1</sup> Graduada em Letras – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – heli\_anne1@hotmail.com

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (...) O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. (COUTINHO, 1978, pp. 9-10).

O crítico literário relaciona a literatura à vida, tratando-as como formas interligadas em perfeita harmonia por representarem a condição humana, mesmo conseguindo distinguirem-se das representações históricas. Aliás, é importante enfatizar a autonomia da obra ficcional relativamente à realidade, destacada pelo ensaísta.

A história traz ao conhecimento o que já não mais existe, “presentificando” ou fazendo uso do passado. É a sequência de fatos acontecidos no espaço no qual o homem atua como protagonista, aprendendo a organizar o tempo e o mundo no qual está inserido para melhor compreendê-lo. Da história depreendem-se duas coisas: trata-se de uma série de acontecimentos que se sucedem no mundo e constitui-se de um relato do que “efetivamente se passou”.

Já o romance traz à atualidade o que jamais esteve nela, fazendo uso da imaginação do homem. Para que nos sintamos mais aliviados de nossas frustrações, medos e inseguranças, muitas das vezes fazemos uso da leitura ou da escrita, criando textos ficcionais os quais nos remetem a uma trajetória de acontecimentos que “poderiam ter acontecido”, para retomar a definição de Aristóteles na *Poética*, obra em que o esteta grego apresenta importantes considerações acerca desses domínios.

Intermediando a relação entre romance e história, existe um elemento relevante que não podemos ignorar: a verossimilhança. É por meio dela que somos convencidos de que o assunto tratado “foi real”. Mesmo estando o romance no mundo do fantástico, tem necessidade de convencer o leitor, pois, caso contrário, não despertará o mesmo interesse ler tal obra. O ponto mais forte de congruência entre a arte e a verdade/ciência é a verossimilhança, que nada mais é que um pacto ficcional entre o escritor e o leitor.

O romance procede da imaginação, a história do que aconteceu:

Partindo do pressuposto de que as relações entre Literatura e História são determinantes e inevitáveis, é preciso tratar a questão com lucidez, sem perder de vista que não é a simples presença da História no texto ficcional que lhe confere status de obra de arte; antes, é o modo como o escritor se apropria da realidade, sem obrigação de documentá-la fielmente, para tomá-la como expressão literária, modificada por recursos de natureza diversa: linguagem, escolha de gênero, estrutura, expressão do conteúdo, etc. A ficção, assim, não pode ser entendida como um simples registro de acontecimentos, o que resultaria numa simplificação extrema da literatura, cuja complexidade está além da linguagem objetiva, científica e estritamente documental da História. (ROSSETTI, 2007, p. 144).

Outra característica, também relevante, presente entre a história e a literatura, unindo-as intrinsecamente, é a mimesis, a qual não se trata de simples imitação, mas uma representação da realidade que, para convencer o leitor, precisa ter coerência interna.

A ponte estaria na mimeses, cujo cimento restaura as relações entre a realidade e a criação poética. À margem do plano intencional das palavras, esquecido o fantasma da imitação, conceito ambíguo e que mais lança dúvidas do que certezas, haveria a interdependência dialética, por via da qual o homem encarnado no autor cria a mensagem e dela, em revide, recebe o impacto de significações num complexo cultural total. O vínculo entre a obra e a realidade exterior perde, desta sorte, a autonomia, a qualidade de território independente, para mergulhar, fundindo os dois polos, no fato da criação. (FAORO, 2001, p. 526).

Para estudar as relações entre os domínios da história e da ficção, tomaremos como referência os capítulos 62 e 63 da obra *Esau e Jacó*. Nos referidos capítulos, a criação ficcional está intrinsecamente relacionada à proclamação da república, a qual tem importância decisiva para a criação de conflitos e a movimentação da trama.

### **Machado de Assis: História e ficção em *Esau e Jacó***

*Esau e Jacó* foi publicado no início do século XX, mais especificamente em 1904, pertencendo à fase de obras realistas do autor, período em que Machado de Assis retratou com maestria as características psicológicas de seus personagens, analisando profundamente o ser humano e enfocando principalmente suas vontades, qualidades, defeitos e necessidades: a natureza humana, enfim.

Considerado um dos mais importantes expoentes da literatura brasileira, em *Esau e Jacó*, Machado de Assis, através da disputa entre irmãos gêmeos, retrata alegoricamente a divisão política do Brasil na época da proclamação da República. Apresenta, com muita sutileza, um país dividido entre dois regimes de governo:

A grande figura do período, uma das maiores da literatura brasileira, foi Machado de Assis (1839-1908). Poeta, cronista, crítico, comediógrafo, foi como ficcionista que Machado de Assis tornou-se excepcional e o que melhor retratou e analisou a sociedade do final do império e do início da República. (...) Desnudou a fraqueza e a mesquinha das pessoas típicas da sociedade de seu tempo: ministros, novos-ricos, senhoras da sociedade e conselheiros do império. Analista profundo e sutil da alma humana, era nessas análises que mostrava disfarçada a sua preocupação política e social. (CÁCERES, 1993, p. 206).

Os irmãos Pedro, monarquista conservador, e Paulo, liberal republicano, apesar de serem idênticos na aparência, possuem ideologias políticas adversas, situação criticamente apresentada pelo autor ao representar um país em que o povo não distingue com o necessário esclarecimento as diferenças entre o regime monarquista e o republicano, pois o discurso político apresentado é diferente, mas as práticas políticas parecem não se distinguir com clareza e efetividade:

A primeira imagem que nos vem à mente é a do republicano Aristides Lobo, segundo a qual “o povo assistiu bestializado” à proclamação pensando tratar-se de uma parada militar. O desconhecimento da população em relação ao que ocorria já nos dá um panorama da república que se instaurava. Um regime que excluía o povo, instalado através de um acontecimento inesperado, rápido e sem derramamento de sangue, puramente militar e em boa parte desvinculado do movimento civil republicano. (CÁCERES, 1993, p. 210).

Os capítulos 62 e 63 retratam a República recém promulgada no país e o dilema do personagem Custódio sobre o que deveria escrever em uma nova tabuleta que colocaria na fachada de sua confeitaria. A mesma denominava-se, há 40 anos, “Confeitaria do Império”, e agora que uma nova forma de governo se instaurava, seu proprietário, preocupado com interesses pessoais acima dos acontecimentos políticos, temia retaliações por parte dos partidários opositores. Para isso argumentava com o Conselheiro Aires sobre as situações adversas que poderiam surgir caso não escolhesse um nome apropriado para seu estabelecimento comercial:

Há de tudo, o comerciante na corda bamba, ameaçado da queda, e o comerciante por cobiça, com bons e sólidos capitais ocultos e aplicados em renda. Em todos, o medo lhes vigia os passos murando as esperanças e ameaçando o instável capital. A fortuna gira sua roda acima dessas cabeças apavoradas, sem que os seus raios as poupem. Um mundo cercado de perigos, inclusive o risco das viradas políticas, capazes de, açulando a multidão, partir a pedradas o estabelecimento. Este o medo peculiar de Custódio, o Custódio dono da Confeitaria do Império, cuja tabuleta nova se acabou de pintar no dia 15 de novembro de 1889. (FAORO, 2001, p. 310).

Para melhor compreensão do texto a ser analisado, faz-se necessária uma breve explanação sobre as tendências dominantes na literatura à época de Machado de Assis.

O Realismo surgiu no final do século XIX e constituiu-se como um movimento que envolveu as artes e a literatura tendo seu início na Europa, mais especificamente na França com as pinturas de Courbet e o romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert. Ao abordar detalhadamente em sua obra a vida social da época, Flaubert expôs, através da protagonista Emma Bovary, características anti-idealistas, diferente do que faziam os românticos a quem o público leitor já estava acostumado a ter acesso. Assim, traz à tona o modo de viver hipócrita em que a burguesia se inseria atrelado a uma vida de aparências.

Entre as características do Realismo podemos ressaltar, além das já descritas no romance de Flaubert, a narrativa minuciosa, personagens em que o perfil psicológico é acentuadamente explorado, cenários urbanos, exposição da hipocrisia e corrupção da classe burguesa, os interesses pessoais, além da utilização de uma linguagem simples, sem preciosismos.

No Brasil, o Realismo tem como marco inicial e divisor de águas na literatura a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicada em 1881. A referida narrativa inova e rompe com os já conhecidos modelos românticos vigentes até então.

A sociedade da época passa por um momento de transição: da influência do comportamento agrário e escravocrata para uma sociedade com características burguesas e, conseqüentemente, urbanas. Os imigrantes, advindos da Europa para trabalhar nos cafezais, aos poucos, substituem a mão de obra escrava, o que viabiliza e intensifica o movimento abolicionista brasileiro e determina a promulgação da Lei Áurea em maio de 1888. Posteriormente, com o declínio de poder, seguiu-se a queda da Monarquia e a ascensão da República em 1889.

Merece destaque nesse período a fundação da ABL – Academia Brasileira de Letras – cujo primeiro presidente foi Machado de Assis. O que atesta a nossa disposição para firmar, institucionalmente, uma produção literária marcadamente brasileira.

Nesse momento, o país passava por mudanças sociais, políticas e econômicas que também geraram um “processo de oficialização” da literatura. Isto é, ocorreu a valorização dos escritores permitindo que os mesmos passassem a ser mais aceitos, vissem seu prestígio aumentado e participassem ativamente da vida social da época.

A Academia Brasileira de Letras constitui uma questão interessante quando tomada em perspectiva. O papel que ela veio a desempenhar como instituição, tantas vezes locupletada com os poderosos do dia, ou aliada com o pensamento conservador, esse papel não é a única perspectiva que a explique nem mesmo que justifique certos ataques de que foi vítima. No momento de sua fundação e organização, ela “institucionalizou” a profissionalização do escritor, serviu de caminho e foi coroamento de um longo processo de avanço da atividade, do ofício de escrever. (FACIOLI, 1982, p. 55).

Nesse quadro, Machado de Assis foi o nome que mereceu destaque especial e produziu narrativas que são consideradas marcos de inovação em nossas letras. Suas obras obedecem a dois momentos ou fases criativas. Na 1ª fase, destaca-se a vertente “romântica” com ênfase na trama amorosa e grande preocupação com a elaboração dos enredos. Em sua 2ª fase, apresenta-se mais conciso e maduro, valendo-se de ácida ironia, do humor pessimista e da exposição do comportamento humano hipócrita e superficial, conforme consta de sua crônica de 14 de junho de 1896:

Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, como em adorar sem análise virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade. O erro deste mundo. (ASSIS, 1870, p. 713).

### ***Esau e Jacó: a ficção no impasse da História***

Em 1904 surgiu *Esau e Jacó*, penúltimo romance de Machado de Assis, cujo título remete-nos ao Gênesis, primeiro livro da Bíblia inserido no Antigo Testamento. No ano da publicação desse romance, Machado de Assis já havia vivenciado o processo de transição do regime político no Brasil, a qual, na referida obra, foi metaforizada na rivalidade entre os irmãos gêmeos que demonstrarão diferentes interesses pelas tendências políticas:

As transformações econômicas e a urbanização promoveram profundas mudanças sociais e geraram aspirações e interesses diferentes dos tradicionais. (SILVA, 1992, p. 176).

Pedro, dissimulado e conservador, tornou-se monarquista, e Paulo, impulsivo e arrebatado, republicano. Mas o fato – e aí começa a se delinear o indiscutível e irônico sentido crítico da obra – é que tal transição política deu-se perante total alienação da população:

A proclamação foi um movimento militar, uma parada inesperada que seguia pela cidade, sem que os populares soubessem o verdadeiro motivo. O povo estava fora de qualquer modelo republicano, fosse civil ou militar. Além dos poucos populares que gritavam os vivas, para um novo regime que não sabiam o que era, não se tem outra notícia de manifestações populares no dia 15 de novembro de 1889. Segundo o testemunho do teatrólogo e republicano Artur de Azevedo, os garis limpavam as ruas do Rio de Janeiro sem saber que o país havia mudado de regime. Se isso ocorria na capital, pode-se imaginar a surpresa popular no resto do país. (CÁCERES, 1993, p. 211).

Na análise posterior, pode-se perceber a engenhosidade do nosso romancista para transformar essa alienação política em dilema pessoal regido pelas leis dos interesses particulares do comerciante Custódio, alheio às implicações sociais ocasionadas por essas transformações.

Segundo um observador da época, o povo a tudo assistiu ‘bestializado’. Mas se não se pode dizer que o 15 de novembro de 1889 se reduziu a uma quartelada ou desfile militar, também seria exagero afirmar que se tratou de uma autêntica revolução. (TEIXEIRA, 2001, p. 221).

Segundo alguns historiadores, apenas o regime mudou, pois a situação da nação continuou a mesma – o que, aliás, não era inédito na nossa história sócio-política:

Contudo, de maneira semelhante ao 7 de setembro de 1822, o 15 de novembro de 1889 não significou um rompimento no processo histórico brasileiro. A estrutura econômica continuou tendo por base a agroexportação; o país permaneceu na dependência do capital e dos mercados internacionais; as alterações nas relações sociais foram praticamente nulas, já que a massa trabalhadora rural e urbana continuou marginalizada. (SILVA, 1992, p.187).

Especificamente nos capítulos 62 e 63, o autor tratou do impacto dessa transição sobre o povo através do comportamento de Custódio, o proprietário da confeitaria, o qual, preocupado com os novos acontecimentos, foi aconselhar-se com o Conselheiro Aires:

Ao acordar de manhã não soube logo do que houvera na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo as notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade os que afirmavam a revolução e vagamente a república. A princípio, no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta. (ASSIS, 1997, p. 128).

É interessante notar as soluções “ficcionalis” encontradas por Machado para demonstrar a incompreensão – ou mesmo ignorância – das pessoas acerca dos acontecimentos. E a linguagem do autor, operando a passagem do factual para o ficcional/verossímil, longe do caráter referencial característico do discurso histórico, está repleta de metáforas, gradações, ironias e eufemismos. Custódio é, metonimicamente, a representação de grande parte da população:

No momento crucial da mudança de regime, somos afastados não apenas dos acontecimentos dramáticos de 15 de novembro de 1889, mas até mesmo dos

próprios personagens simbólicos, para ver as coisas através do olhar “inocente” do dono de uma confeitaria. (...) Até mesmo a espécie de loja – uma confeitaria – indica a superficialidade da mudança: é simplesmente um lugar onde as coisas são enfeitadas e se tornam atraentes ao olhar. Cada regime, pelo que parece, é um produto artificial, com pouca ligação substantiva com a realidade que pretende representar. (GLEDSON, 2003, p. 200).

Em outro parágrafo, vemos confirmada a indiferença às questões políticas e a preocupação com a situação individual:

Custódio quis repudiar a obra, mas o pintor ameaçou de pôr o número da confeitaria e o nome do dono na tabuleta, e expô-la assim, para que os revolucionários lhe fossem quebrar as vidraças do Catete. Não teve remédio senão capitular. Que esperasse; ia pensar na substituição; em todo caso, pedia algum abate no preço. Alcançou a promessa do abate e voltou a casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, – uma casa tão conhecida, desde anos e anos! Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poria agora? Nisso lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo. (ASSIS, 1997, p. 129).

Na passagem “Diabos levassem a revolução!” explicita-se o total desinteresse do comerciante pelas questões sociais. A figura de Custódio representa, assim, o cidadão alienado, inseguro de sua condição e, acima de qualquer modificação, preocupado com a situação individual – sintoma da sociedade capitalista e do modo de vida burguês que se impõe de maneira inevitável, sem que nada o possa conter. Sobre a crescente parcela da sociedade desvinculada de um projeto coletivo, preocupada apenas em assegurar a sua condição, assim se pronuncia Raymundo Faoro:

A imagem exterior, pública, expressa-se nas reuniões e nos brindes, condensase, mimeticamente, no destino individual, com o orçamento familiar lhe embaraçando os passos. A galeria é imensa, entre comerciantes, industriais, funcionários e “artistas”, todos de rendimentos curtos, limitados pelos bolsos murchos, não raro aterrorizados pelo futuro incerto. (2001, p. 308).

O capítulo 63 inicia-se com acontecimentos que caracterizam certo exagero, o que se pode notar pela caricatura de Custódio aliada à sua ignorância política:

Referido o que lá fica atrás, Custódio confessou tudo o que perdia no título e na despesa, o mal que lhe trazia a conservação do nome da casa, a impossibilidade de achar outro, um abismo, em suma. Não sabia que buscasse; faltava-lhe invenção e paz de espírito. Se pudesse, liquidava a confeitaria. E afinal que tinha ele com política? Era um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública... (ASSIS, 1997, p. 12).

Os excessos se fazem presentes em passagens como “um abismo, em suma” ou “faltava-lhe invenção e paz de espírito”. Ou seja, a situação toma proporções gigantescas



em função de o comerciante preocupar-se com questões apenas de seu interesse: “E afinal, que tinha ele com política?” Está evidente a alienação ou a indiferença do personagem relativamente aos acontecimentos que se davam naquele momento.

É de se notar ainda a ironia que perpassa a cena, apenas aparentemente despretensiosa: a proporção do drama de Custódio reduzida a uma questão particular era exatamente o que se esperaria de toda a população, mas por razões de outra ordem: participação no movimento, manifestações de adesão ou protesto, reivindicações. Assim, sutilmente, Machado põe às claras toda a imaturidade política da nossa sociedade.

Na cena, não faltam alusões à instabilidade dos acontecimentos:

— Mas pode pôr "Confeitaria da República" ...  
— Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro. (ASSIS, 1997, p. 130).

A indecisão de Custódio resume-se a qualquer ameaça contra sua estabilidade: “... se daqui uns dois meses houver nova reviravolta...”. Note-se que em “nova reviravolta” abre-se precedente para entender que a situação do país não se mostrava segura para ninguém.

Ou seja, o que o ceticismo e o senso de vazio que impregnam Esaú e Jacó, a própria superficialidade da abordagem histórica ( ... ) é, em si, em grande medida, um fenômeno histórico, o produto do período ( ... ) no qual se situa o romance. E isso não apenas no sentido de que todos os romances ou obras de arte são condicionados por seu meio, mas no sentido muito mais específico de que Machado viu sua própria sociedade desnordeada, sofrendo de uma falta de objetivos já presente, em embrião, em períodos anteriores, mas agora atingindo um nível que se aproxima à total desintegração.(GLEDSON, 2003, p. 196).

Machado de Assis, em toda a obra, faz uso de várias figuras de linguagem; entre elas o eufemismo, a ironia, a gradação e a hipérbole:

A pessoa era o Custódio e foi para casa, mas o velho diplomata, sabendo quem era, não esperou que acabasse o charuto; mandou-lhe dizer que viesse. Custódio saiu, correu, subiu e entrou assombrado. (ASSIS, 1997, p.127).

A gradação presente em “saiu, correu, subiu e entrou assombrado”, combinada com a hipérbole expressa pelo adjetivo, encarrega-se de expressar toda a pressa e a euforia do comerciante para aconselhar-se com o Sr. Aires.

Aires compreendeu bem que o terror ia com a avareza. Certo, o vizinho não queria barulhos à porta, nem malquerenças gratuitas, nem ódios de quem quer que fosse; mas, não o afligia menos a despesa que teria de fazer de quando em quando, se não achasse um título definitivo, popular e imparcial. (ASSIS, 1997, p. 131).

Em “o terror ia com a avareza“, diz-se, de forma sutil, que o excesso de economia de Custódio era o agravante maior e explicava todo o desespero do comerciante. Também, por esse eufemismo, Machado encontra uma maneira de, mais uma vez, mostrar a preocupação da personagem sem sequer fazer qualquer referência aos rumos da sociedade. Eis a crítica do escritor realista.

Curvou-se, recuou e saiu. Aires foi à janela para vê-lo atravessar a rua. Imaginou que ele levaria da casa do ministro aposentado um ilustre particular que faria esquecer por instantes a crise da tabuleta. Nem tudo são despesas na vida, e a glória das relações podia amaciar as agruras deste mundo. Não acertou desta vez. Custódio atravessou a rua, sem parar nem olhar para trás, e enfiou pela confeitaria dentro com todo o seu desespero. (ASSIS, 1997, p. 133).

A “crise da tabuleta” (que no texto toma lugar do que deveria ser a “crise política”) é um modo irônico que Machado escolhe para tratar de um conflito banal, mas que mobiliza todas as preocupações de Custódio. Por meio da ironia, então, o autor dessacraliza o mundo oficial em favor de uma preocupação que se perde nos exageros da aparente banalidade. Procedimento, aliás, recorrente nas obras do romancista.

### **Considerações finais**

No desenvolvimento deste artigo, foi possível observar e constatar que o universo que permeava os acontecimentos à época de transição na vida política do Brasil foi devidamente aproveitado para demonstrar, no plano ficcional propriamente dito, as diferenças de conduta e opinião dos personagens do romance, como Pedro e Paulo. Nesse quadro da situação política, o impasse vivido por Custódio alegoriza, por meio da sátira, a indecisão, a indiferença e a ignorância das pessoas diante dos rumos políticos que definiriam o futuro da nação.

Assim, percebe-se a habilidade de Machado de Assis para aproximar dois domínios aparentemente tão díspares em favor de aprofundar não somente a leitura da nossa realidade sociopolítica, mas da condição humana perdida em vacuidades, excessos e interesses colocados acima da seriedade que deveria nortear nosso processo de organização social.

Tudo em Machado – História e ficção – é bem proporcionado em favor do olhar crítico do romancista, realista por tratar todas as coisas de um modo demasiadamente humano.

## ABSTRACT

This article will focus on the importance of relations between the historical context and the literature, taking as object of the study Chapters 62 and 63 of the work *Esau and Jacob* of the writer Machado de Assis. We briefly present a conceptualization of the term Literature, and we will discuss the relationship between reality, fiction and mimesis, analyzing how those relations are built in the *corpus* of this work.

## KEYWORDS

History; Fiction; Mimesis; Machado de Assis.

## Referências

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. São Paulo: Editora Globo, 1997.

CÁCERES, Florival. **História do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4 ed. São Paulo: Editora Globo, 2001.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Trad. de Sonia Coutinho. 2 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

ROSSETTI, Emerson Calil. **Riso e Teatralidade: uma poética do teatro de Martins Pena**. Tese de Doutorado apresentada à UNESP: Campus de Araraquara - SP, 2007.

SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1992.

TEIXEIRA, Francisco M. P.. **Brasil: História e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.